

Este mês de dezembro que se inicia hoje marca os 40 anos do funesto Ato Institucional nº 5 (AI-5) – documento que concretizou na história a sombra autoritária que perpassa a alma de nossas ambíguas instituições brasileiras. Durante o tempo que se seguiu à medida tomada pela ditadura militar prevaleceu no Brasil o estado de exceção institucionalizado. Ao signo maior de quão tristes podem ser essas paisagens tropicais chamou-se então de cesura – palavra por debaixo da qual se amontoa o moralismo hipócrita de uma classe média clientelista e o furor pervertido dos que se exaltam ao defenderem o fim da liberdade enquanto dissimulam sua impotência de homens tristes que são.

Uma paráfrase brechtiana: “o monstro está morto, mas a besta que o pariu ainda não”. A sombra que completa 40 anos está em todo púlpito de onde se vertem perdigotos inflamados contra as possibilidades de emancipação de qualquer um, independente da classe ou de qualquer outra forma de distinção social.

A livre expressão é o limite que uma sociedade constrói para si como proteção dos pesadelos históricos. Nenhum regime, ideologia ou doutrina que realmente preza pela luz que pode emanar do coração e das ações humanas pode começar pela supressão daquilo que seria seu alicerce. Liberdade.

Algo que só pode ser experimentado de forma equitativa – precisamente igual para todos. Qualquer outra hipótese já se traduz imediatamente numa ordem

injusta. Ou todos são livres ou então ninguém o é de fato. A importância em se lembrar de um momento histórico assim reside naquilo que Theodore

Adorno, Horkheimer e também Hannah Arendt já apontavam em relação à perseguição aos judeus na Alemanha nazista: pesadelos dessa ordem devem ser lembrados sempre para que não voltem a acontecer. Pela memória das vítimas.

A edição de hoje foi construída a partir do tema da censura expandido para suas manifestações que muitas vezes não se deixam perceber sob o manto do cotidiano. A censura do mercado e do consumo, com suas restrições que moldam subjetividades a golpes de frustração. A censura da impotência coletiva que não suporta a espontaneidade do singular. A censura do desânimo e da falta de interesse que apaga dos olhos a faísca do desejo. Enfim, esse outro nome para a morte que cala tudo aquilo no que se mostra a vida em sua ruidosa festa. Outra Pauta: a busca incessante por outras vozes que construam harmonia a partir da dissonância. 



PREVISÃO DO TEMPO

12 DE DEZEMBRO DE 1968

 Mirielly Ferraça (Jornalismo - UNIPAR)

Como se já não bastasse o insuportável calor que tem feito, prevemos que terríveis temporais estão por vir. Isso deve-se a grande e poderosa frente fria quem vem de encontro ao clima quentíssimo que domina o País ultimamente.

Além disso, cogita-se que um terremoto pode abalar a estrutura de lugares localizados na parte alta do País, como emissoras de rádio, redações jornalísticas e telejornais. A partir de amanhã, 13 de dezembro, eles passarão a sofrer uma intensa pressão, seguida de incontroláveis abalos sísmicos. 

Oficina de Reportagem

Outra Pauta

Segunda-feira, 01/12/2008 - Paraná
Ed. 33 / Ano 1 / Turma 2

 Blog 
outrapauta.wordpress.com

GAZETA DO PARANÁ
OUTRA PAUTA DO PARANÁ

“Nossa! Como você está magra”.
Ou, “nossa! Você deu uma engordadinha”.
Esses são as frases que ouço por aí. Não que esses exemplos de estereótipos que muitos impõem a si mesmos de comunicação, principalmente em revistas e na TV, e que nós aceitamos como o certo.

Já foi tão comentada a época de censura no Brasil, censura de imprensa, censura de existir a censura no nosso dia-a-dia? E os estereótipos de beleza, aonde se encaixam? Tais julgamentos muitas vezes culminam em barrar a pessoa de fazer algo que gostaria por não ter “tudo em cima”.

Lembro-me que tempos atrás ouvi dizer que nos Estados Unidos os homens

gostam de mulher com peitos grandes. Já no Brasil, a mulher tem de ter pernaão, bundão, curvas perfeitas, para ter tudo em cima e conseguir se destacar acima das “feias”. Sim, cito as mulheres por serem as que mais se preocupam em estar na moda. Moda do corpo, moda de roupas. Porque eu também sou mulher, e sei como é.

Entrevistei Paula Koch Kuerten, 20 anos. Administradora, Ana nas empresas, mas também, os pós e contras de uma sociedade ainda “preconceituosa”, e que possam ver. Questionei-a, sobre os estereótipos de beleza que as pessoas impõem sobre as outras.

- Acho que a sociedade discrimina as pessoas que têm uma beleza diferente da beleza imposta. Entrevistei também, Rubens Gomes Carelli, 20 anos, futuro enfermeiro. Ele disse que a sociedade moderna impõe sim, estereótipos de beleza.

- A questão de modelos magras. A busca do corpo perfeito. Isso é um jeito de impor o estilo de beleza, quem estiver fora desse estilo está fora de moda. O mundo está totalmente acelerado. Tudo está em evolução. E o mundo da moda caminha a passos lentos chegar a essa aceleração comum. Acredito que o

Ana Paula disse na entrevista concedida a mim, é bem verdade. “Toda a pessoa tem uma beleza interior e exterior única, nenhuma pessoa é igual à outra”.

Para descontrair fiz outras perguntas a Ana Paula e ao Rubens:
- Ana, você se acha bonita?
- Depende o dia. (risos)
- E para você o homem com aparência ideal tem que ter quais atributos?
- Tem que ser loiro, alto, corpo atlético, olhos verdes. Ou seja, o meu. (Risos)

Para o Rubens perguntei:
- Qual é o tipo de mulher que você acha bonita, os atributos? A mulher ideal é aquela que chama atenção, não só pela beleza mais por atitudes e estilo. A mulher passa confiança. Que posso confiar mesmo, nem tanto a beleza em si. Porém, tanto as mulheres quanto os homens gostam de estar bem consigo mesmo. Rubens pondera que nunca é demais se preocupar com a beleza, mas não se sentir bem com o

próprio corpo. Chego à conclusão que a censura realmente não acabou, agora ela abrange outro contexto da sociedade. Basta cada um, tanto homem quanto mulher, optar por seguir esses estereótipos de beleza ou não. Você decide. Porque, com certeza, cada um de nós, tem algo que vai além de uma simples casca. 

CENSURA ESTEREOTIPADA
ALÉM DE UMA SIMPLES CASCA

 Juliana Tokarski (Jornalismo - UNIPAR)

E AGORA GRADUADO?

Bruna Hissae/Oficineira Turma 1 (Jornalismo - UNIPAR)

Quatro anos na faculdade. Dezesseis semanas de provas. Mais de 112 testes uma infinidade de trabalhos, dezenas de seminários. Projetos de extensão, horas extra-curriculares, atrasos na biblioteca, semanas acadêmicas. Projeto de conclusão de curso, pré-banca, estresses. Criar um jornal, um programa de rádio, um artigo em televisão e finalmente a banca final.

Final significa tudo acabado ou um novo começo? O curso da faculdade terminou e agora? A lógica seria conseguir um emprego e a partir daí começar a crescer. Construir uma carreira sólida e no final ser feliz. Tudo deveria ser assim, mas isso quase nunca acontece. Sair de uma universidade sem perspectiva de futuro gera um medo relativamente proporcional ao de não ser aprovado em um vestibular.

Danielli Ishi tem 22 anos e assim como muitos está acabando um curso superior, no caso dela, o de jornalismo. Paralelamente à graduação na área de comunicação ela iniciou o curso de letras. Dentro de três anos receberá outro diploma.

"Eu sou estagiária em assessoria de imprensa e já me deram o aviso de que o contrato não será renovado. Conheço tantas pessoas que poderiam ser ótimos jornalistas, mas que nunca tiveram oportunidade de mostrar como realmente são boas. Tenho medo de não conseguir um emprego e pelo andar da caruagem acho que não vou conseguir um tão cedo".

Eu compreendo o que ela passa. É como se estivesse assistindo à minha própria história em um filme. A protagonista não sabe quais escolhas fazer, tem medo do lugar onde os seus próximos passos poderão chegar. E o caminho se divide ao meio, existem duas trilhas. A primeira leva ao desespero e faz com que se perca a noção de tudo de bom que foi conquistado. O outro faz com que surja o desejo de se agarrar a outras oportunidades para sobreviver de alguma forma.

E o que acontecerá? Se me comparar a ela eu não estou matriculada em nenhum outro curso superior e também não sei o que fim levará o meu estágio. "A única certeza que eu tenho para o ano que vem é que vou voltar ao curso de letras que eu havia trancado, mas meu maior sonho é ser jornalista. Acredito que o curso de letras irá somar o conteúdo que necessito para realizar o que busco, mas sei que isso também não será garantia nenhuma de queerei contratada. O maior problema é que agora eles me acham 'crua' para ser efetivada, já que sai a pouco tempo da faculdade. Quem sabe depois de três anos parada, eles não me queiram mais por eu ter perdido o entusiasmo do primeiro ano de formada".

Mas para que o final desse texto se assemelhe aos contos de fada e seja um final feliz, seria necessário que alguém lesse essa matéria e contratasse tanto Danielli quanto a repórter que escreve. Não à censura aos recém formados. Independente do caminho escolhido, a esperança sempre é a última que morre.



muito apropriado, com os bloqueios à internet, certas informações acabam sendo truncadas deixando os internautas, por vezes, sem algumas notícias do dia-a-dia. As obstruções mais comuns são em sites de pornografia, de relacionamentos (Orkut) e o uso de programas de conversação (MSN, Skype), mas há lugares em que praticamente todo o acesso é impedido.

A internet aqui é livre? Não. E o que você acha disso?Eu acho muito ruim. Por quê? Por que eu queria mexer mais nela! Quem me disse isso foi T.C. de 20 anos que estava em seu ambiente de trabalho.

Tratar as barreiras virtuais do computador como uma censura, pode ser muito plausível se observarmos empresas de sucesso da atualidade: O Google e a Microsoft, por exemplo, deixam seus funcionários livres para navegarem onde bem entenderem e lucram milhões em cima das idéias geniais dos "cucas frescas".

Mas nem sempre a pessoa que está em frente ao computador se dá conta, ela mesmo, da armadilha em que está se metendo. "A internet vicia. Algumas vezes passamos horas sem nos dar conta de quanta coisa inútil a gente fez. Meu trabalho necessita de extrema atenção e se eu ficar no Orkut ou batendo papo posso não ter a atenção necessária, levando assim a possibilidades de grandes erros." Se L.C., que trabalha em um lugar onde se são realizadas análises meticolosas, e não ocupa cargo de chefia disse isso, devemos refletir o que estamos chamando de censura.

Em 1968, mesmo arriscando a própria vida, estudantes e outros populares faziam os seus manifestos. Alguns nunca mais foram encontrados.

Nos dias de hoje muitos são os profissionais que se arriscam na empresa onde trabalham ao tentar burlar o sistema de "censura" a algumas páginas de internet. Não é difícil, em qualquer site de busca (esses são liberados) você pode encontrar páginas que redirecionam conteúdos e programas capazes de liberar o sistema.

Com todo esse maquinário, internautas navegam pelo espaço virtual com a falsa sensação de liberdade ao mesmo tempo em que se entregam a outro vício, levando o rendimento, em alguns casos, a níveis tão críticos que no final do mês o resultado é apenas um: RUA.

Se isso é censura? Não sei. Pode até ser que seja. Cada pessoa tem seu limite e se você se acha censurado com os limites impostos em seu ambiente de trabalho e estudo lance um desafio à chefia e mostre a eles quão mais eficiente você se torna ao serem abertas portas a você.

INTERNET CENSURADA

EMPREGO EM JOGO

Rony Santos (Jornalismo - UNIPAR)

1968. Os militares já estavam no poder há quatro anos e o que se vê é um Brasil manchado, manchado pelo sangue de inocentes, culpados e indecisos. Neste ano, em especial, há um decreto, decreto novo, impede "tudo sobre tudo" você não tem para onde correr, nem o churrasquinho com os amigos você pode combinar porque os militares podem chegar batendo em todo mundo e a única coisa que não vai acontecer é a reunião de amigos.

2008. Os gerentes já estão no cargo há pelo menos quatro anos e o que você vê é uma empresa um tanto "repressora". Nada é permitido e pior: todos os seus amigos, que já tiraram férias, estão no MSN. No trabalho não é permitido entrar no Orkut, nada de conversar com os amigos pela net. Ler um Blog então?

Não pode. Também, com a correria do final de ano, nem há tempo para essas frivolidades, você pensa, mas mesmo assim dá um jeitinho e entra em um site "proibido". No entrar acaba perdendo a atenção por uns segundos (10 minutos precisamente) e vê que o gerente do setor indo em sua direção. Seu computador trava. Você não tem para onde correr. O único comentário será o do chefe te chamando para aquela conversinha.

Este mês, o Ato Institucional nº5 fará 40 anos de emissão. No ano de sua instituição muita coisa foi censurada ou proibida, o que para os soldados era significado de uma coisa só: socos, pontapés, cadeia e tortura. Peças de teatro foram barradas, reuniões políticas, músicas, cinema, até as conversas de boteco eram bisbilhotadas. Tudo era proibido. Tudo era Bloqueado. O acesso a informações verdadeiras, opiniões e protestos era uma coisa meio que... "gastronômica".

Em quase todos os lugares onde passamos, de esferas públicas ou privadas, empresas onde trabalhamos, escolas e faculdades onde estudamos e acesso a certas informações da internet é bloqueado de alguma forma. Para quem gosta ou é viciado em internet as referências de bloqueios são verdadeiras censuras ao direito de ir e vir a um site ou outro. Bastante normal em ambientes onde se divertem na internet não é lá

trabalhos, escolas e faculdades onde estudamos e acesso a certas informações da internet é bloqueado de alguma forma. Para quem gosta ou é viciado em internet as referências de bloqueios são verdadeiras censuras ao direito de ir e vir a um site ou outro. Bastante normal em ambientes onde se divertem na internet não é lá

trabalhos, escolas e faculdades onde estudamos e acesso a certas informações da internet é bloqueado de alguma forma. Para quem gosta ou é viciado em internet as referências de bloqueios são verdadeiras censuras ao direito de ir e vir a um site ou outro. Bastante normal em ambientes onde se divertem na internet não é lá

trabalhos, escolas e faculdades onde estudamos e acesso a certas informações da internet é bloqueado de alguma forma. Para quem gosta ou é viciado em internet as referências de bloqueios são verdadeiras censuras ao direito de ir e vir a um site ou outro. Bastante normal em ambientes onde se divertem na internet não é lá

trabalhos, escolas e faculdades onde estudamos e acesso a certas informações da internet é bloqueado de alguma forma. Para quem gosta ou é viciado em internet as referências de bloqueios são verdadeiras censuras ao direito de ir e vir a um site ou outro. Bastante normal em ambientes onde se divertem na internet não é lá

trabalhos, escolas e faculdades onde estudamos e acesso a certas informações da internet é bloqueado de alguma forma. Para quem gosta ou é viciado em internet as referências de bloqueios são verdadeiras censuras ao direito de ir e vir a um site ou outro. Bastante normal em ambientes onde se divertem na internet não é lá

trabalhos, escolas e faculdades onde estudamos e acesso a certas informações da internet é bloqueado de alguma forma. Para quem gosta ou é viciado em internet as referências de bloqueios são verdadeiras censuras ao direito de ir e vir a um site ou outro. Bastante normal em ambientes onde se divertem na internet não é lá

trabalhos, escolas e faculdades onde estudamos e acesso a certas informações da internet é bloqueado de alguma forma. Para quem gosta ou é viciado em internet as referências de bloqueios são verdadeiras censuras ao direito de ir e vir a um site ou outro. Bastante normal em ambientes onde se divertem na internet não é lá



OS LIMITES DA LEI SECA HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO REDUZIDO AFUGENTA POPULAÇÃO BOTEQUÍCIA

Leandro C. Navarro (Jornalismo - UNIVEL)

Exemplo de países de primeiro mundo, o Brasil adotou leis mais rígidas no que diz respeito aos motoristas que dirigem embriagados e causam perigo à sociedade.

Antes mesmo que fosse cogitado criar tal lei nacionalmente, Cascavel saiu na frente. A câmara de vereadores, através do vereador Jorge Victor Lauxen (DEM), aprovou, em março de 2007, a lei 4.478, a "lei seca". Esta lei obriga bares e restaurantes que servem bebidas alcoólicas a adotarem medidas de segurança, acessibilidade e em alguns casos até isolamento acústico, além de regular o horário de funcionamento, que nos dias de semana deve ser até a meia noite, podendo nos finais de semana esticar até a uma da manhã.

Esta lei causou muita repercussão quando foi aprovada. Donos de bares temiam perder seus clientes, gente comum, trabalhadores, universitários, pessoas que costumam ficar nos bares até mais tarde. E o pior aconteceu. Alguns bares tiveram que fechar as portas por não cumprirem as exigências necessárias.

Diangela Menegazzi, jornalista especializada em mídia, política e atores sociais, é frequentadora de bares e na época foi uma das muitas pessoas que se sentiram injustiçadas. Para ela "nós da classe média, que preferimos um boteco a uma boate, queremos um lugar alternativo de lazer, não queremos ir pra balada, o boteco é o nosso ponto de referência, de encontro, de trocar idéias, de socialização, então, logo que a lei vigorou vimos tudo isso sumir". Ela se lembra "dos bares: Jabuti, Berrejas, Catarina. Todos fechavam e o pessoal ficava pra fora sem saber o que fazer, com aquela frase: 'é agora José?'".

Diangela juntamente com o Cine Clube Araguaia, associação da qual faz parte, fizeram um documentário intitulado "Lei seca. Seca pra quem?", para mostrar o que acontece quando os bares fecham, e criticar a forma como de uma hora para outra a população perdeu o direito de frequentar bares até mais tarde.

"O ponto principal é que não nos oferecem espaços de lazer e cultura, então sobram os bares, não há espaços públicos para nos envolver, principalmente aos jovens" completa Diangela.

A repercussão do documentário ficou restrita a alguns nichos, faculdades, grupos, bares, mas não foi ampla. Também foi exibido em um canal de TV a cabo e no canal de uma faculdade de Cascavel.

Apesar da pouca adesão e de não ter conseguido mudar a lei, o documentário conseguiu registrar a indignação de muitos frequentadores de bares, além de dar voz a quem se sentiu prejudicado pela lei. E não foram poucos os indignados.

Ruim para alguns, bom para outros. É normal a diversidade de opiniões sobre assuntos polêmicos. Neste caso não poderia ser diferente, quando direitos adquiridos são retirados a tendência é que ocorra muita polêmica. Principalmente para as pessoas que estão diretamente envolvidas.

Assim como algumas pessoas se sentiram diretamente atingidas por tal censura, outras deram pouca importância.

Kelly Lyrio é estudante de comunicação social, cursa o último ano, e como a maioria dos universitários da cidade se reúne com amigos para conversar, se divertir e beber. Para ela pouco mudou. "Não frequento bares, só os de amigos. Então quando estamos em um bar e ele fecha, continuamos bebendo com as portas fechadas!"

Dizem que o tempo faz milagres e cura feridas. Como já se passou mais de um ano desde que a lei seca foi implantada, o rigor na fiscalização diminuiu. Porém não acabou. Segundo o vereador Lauxen, um ofício foi encaminhado ao município para que voltem a fiscalizar os bares com mais rigor, assim como aconteceu no período que sucedeu a implantação da lei.

Outra alternativa para os bebedores da madrugada são as distribuidoras 24 horas, onde é possível com-

prar bebidas, porém as placas advertem a proibição do consumo na frente destes estabelecimentos. "É preciso consumir em outro local, geralmente vamos para a casa de alguns amigos" acrescenta Kelly. Para ela, o fator positivo desta lei foi a diminuição dos desocupados ou andarrinhos que passavam a noite bebendo nos botecos e acabam cortejando as mulheres que passam pela rua. Ela defende a lei afirmando que "o que nos faz perder nossos direitos são as pessoas que não conseguem lidar com a liberdade que têm". Para ela, "a lei seca foi criada para coibir os indivíduos que bebem antes de dirigir, brigando pelas ruas, fazendo tumulto nos postos de combustíveis. Ter uma lei pra proibir as pessoas de dirigir embriagadas soa meio que ridículo, porque isso é questão de bom senso!"

"Fiquei P'S#* da cara quando a lei entrou em vigor, mas depois eu me dei conta que não ia fazer diferença nenhuma, para mim. Já que os lugares que eu frequento continuam abertos". Para Marcos Sefrin, a lei "é paliativa, não enfrenta o problema de frente". Todos sabemos que o álcool gera muitos problemas sociais, mas não podemos generalizar e culpar somente as pessoas de classes sociais baixas. Se o cidadão de classe "A" pode beber, o cidadão de classe "B, C, D, E" também pode. O fechamento de bares populares não resolve o problema.

Sefrin conclui dizendo que "a lei seca" coloca a culpa pelos problemas do álcool apenas nas mãos de quem está na ponta do problema, as empresas que fabricam e lucram com isso ficam isentas, o poder público também".

Para o vereador Jorge Lauxen, todos os bares que cumprirem as exigências poderão funcionar normalmente durante toda a noite se quiserem. Para ele as exigências são fáceis de serem cumpridas e não acarretam altos custos. Para que os bares regularizem sua situação é necessário que cumpram quatro exigências. A primeira é o isolamento acústico para bares que oferecem música ao vivo, "se não oferecer música ao vivo, não é necessário o isolamento acústico" afirma o vereador. A segunda exigência é a facilidade de acesso aos portadores de necessidades especiais, através de rampas de acesso, banheiro adaptado.

A terceira é uma vistoria dos Bombeiros para checar a necessidade de extintores de incêndio ou outras medidas de segurança que julgarem necessárias. E por fim, o bar deve contar com o aval da vigilância sanitária, responsável por fiscalizar a validade, armazenamento adequado de alimentos e medidas de higiene a serem adotadas.

Lauxen completa dizendo que "foi constatado uma diminuição significativa no número de homicídios após a implantação da lei, visto que grande parte das confusões aconteciam em bares ou nas redondezas dos bares", e conclui dizendo que "o que se pretende é diminuir a aglomeração de pessoas que fazem baderna nas ruas. É o caso dos chamados 'bobódromos', muito comuns nos estabelecimentos da avenida Brasil, onde o consumo de bebidas alcoólicas muitas vezes gera brigas. Alguns homicídios aconteceram nestes locais".

Para o vereador, as pessoas de bem vão para casa mais cedo e o perigo de brigas e desentendimentos é maior durante o período da madrugada.

Para os frequentadores de casas noturnas, ou choperias de "grife" da cidade, pouca coisa mudou, mas quem não quer ou não pode frequentar estes lugares, fica literalmente no olho da rua.



VERDADES DISTORCIDAS, MEMÓRIAS PERIGOSAS

Ana Paula Detsch (Jornalismo - FAG)

Os livros e aulas de história contam fatos sobre a ditadura: uma época difícil cheia de impossibilidades. Mas quem não viveu naquela época (e eu estou incluída nessa lista), não sabe exatamente como era aquele tempo. Por isso, para fazer esse texto, que pretende resgatar as memórias dos passaram pelas décadas de chumbo, fui atrás de quem tem tais histórias para contar. Este texto foi construído com depoimentos de pessoas que viveram a ditadura e a censura na pele. Independente da idade que tinham na época, todos tem o que contar, sejam histórias tristes ou até mesmo curiosidades. Por isso transcrevi todos os depoimentos da forma mais precisa, assim como foram ditos. É hora de aproveitar a leitura e relembra-rem ou tomem conhecimento de alguns fatos.

"Quanta barbaridade que esses políticos fazem sempre para serem eles os primeiros né, eles não se importam em prejudicar as pessoas, não querem nem ouvir, o que eles querem é ser escolhidos. Mas eles estragam o mundo." - G. M. - 70 anos

"Eu lembro quando deu aquela revolta do grupo dos 11 que diziam. Dava uma tristeza ver aquele caminho passar. Carregado com militares sentados no banco do caminhão. Nós morávamos em campinas e o vizinho era tenente né, daí

eles todos iam guarnecer as fronteiras né, as mães choravam. Ninguém divulgava nada, era uma coisa secreta. Aquilo quando acontecia era de imediato." - J.V.P. - 77 anos

"Era tudo rifle, não era pistola, era rifle grande mesmo. No Maranhão mesmo, quantas serras eles cercaram e encheram de rifle. Eles enterraram lá por causa dos jagunços que viviam matando famílias, eles matavam famílias inteiras. Isso era lei. Você acha que isso era uma coisa boa? Ditadura não era boa não." - M. S. S. - 76 anos

"Quem era contrário ao governo era perseguido, era preso, exilado, torturado. E daí era aquele tipo de perseguição. (...) Ou era de Deus ou era do Diabo. Daí foi indo, foi indo. (...) Hoje tem uns que falam que deveria de voltar a ditadura, eles não sabem o que era a ditadura, era complicado. Rádio, televisão era tudo censurado. Tinha que passar o que eles queriam. Comigo não aconteceu nada, mas eu sei de pessoas que foram exilados. Tenho um antigo irmão meu que era deputado federal que foi perseguido, a casa dele foi revistada. Tinha um ditado: ame-o ou deixe-o, e não tinha como você pôr uma idéia sua. Tinha que passar pelos chefão, pra saber se podia ser publicada ou não. É duro né, falar de mais não presta mas às vezes..." - A. J. - 70 anos

"Meu pai era espanhol né, da Espanha. Ele veio pro Brasil, casou com a minha mãe, minha mãe era filha de português. Mas ele nunca se naturalizou brasileiro, porque naquela época nem precisava. E teve uma pessoa que não sei se não gostava dele, sei lá, denunciou ele como comunista, e pra ele não morrer, pra não ser preso ele fugiu. Ele teve fugitivo por essas matas de Catanduvas, olha, muito tempo fugido na mata, não podia ir pra casa. Nós éramos tudo pequenos, minha mãe que dava conta do recado. Ele era um homem comum; não era nada (comunista). Tinha muita denúncia falsa. Uma pessoa não gostava do outro e denunciava e eles levavam a inquérito. Mas ele não era nada não. A minha mãe teve que sustentar sozinha, tratar de nós. Foi uma época muito difícil." - T. F. R. - 62 anos

"Ali em Catanduvas tinha muito esconderijo. Na terra que nós tinha, que nós morava lá, a gente achava direito. Tinha buraco lá, aquele buraco que vai por baixo da terra e saía lá na frente. Tinha outros feitos de pedra. Tinha bala de fuzil. E assim, quando eles pegava, mesmo que não desse nada, eles cortava a orelha, eles fuzilava. Na terra que era nossa lá, tinha muito buraco cavado na terra, que era esconderijo. E onde minha irmã morava tinha uma sepultura bem na frente da casa dela, por causa que tinha 6 soldados enterrados ali, era o túmulo de uns soldados." - A. R. - 64 anos

"Foi muito perseguido aquele pessoal que formava o grupo dos 11, foi muito perseguido. O militar matou muita gente naquela época né, suspeitava, às vezes só suspeitava e já... já eram executados. Muitos estudantes na época né, esses dias eu ainda escutei, um grupo de médico, não sei se você viu na televisão, um grupo de médico não pôde fazer a formatura naquela época porque o regime militar não deixou." - J. R. - 57 anos

"O que era a ditadura? Eu sei que uma vez existiu ditadura né. No tempo do Getúlio Vargas né. Eles contam que o Getúlio Vargas tinha, tinha vontade de pôr a ditadura, só que o governo não deixou entrar né." - E. M. - 68 anos

"Eu lembro de quando o Geisel foi pra Rondon. Iam fazer um churrasco pra ele. Dai uns dias antes uma vaca do nosso sítio fugiu, caiu em um poço negro e morreu. Daí todos os vizinhos diziam que a vaca do velho Avelino tinha ouvido no rádio que ia virar churrasco pro Geisel e resolveu fugir... nem ela queria alimentar eles." - P. I. D. - 47 anos

"Eu era muito novo, não lembro muita coisa. Mas eu lembro que um dia eu e meu pai estávamos na roça, sabe no meio da roça mesmo. E foi depois que implantaram o AI-5. E eu lembro que eu comentel alguma coisa contrária, não lembro o que, só que falei mal, nem era algo tão espetacular sabe, só um comentário inocente. E meu pai me xingou um pouco, ficou olhando para todos os lados e falando: nunca mais repete isso, nunca mais. A gente tava lá no meio da roça sabe, lá em Rondon, ninguém tava lá pra ouvir, mas a censura era tão grande que todo mundo tinha medo." - A. C. D. - 42 anos

"Aqui no sul o povo não sofreu muito, eram todos agricultores, não eram um problema para a ditadura. Quem sofreu foi o povo de São Paulo e do Rio. Mas você não pense que a ditadura acabou. Tem muito prefeito ditador por aí!" - J. A. R. R. - 50 anos.



Oficina de Reportagem
Outra Pauta
Turma 2

GAZETA DO PARANÁ

DIRETOR-GERAL
Marcos Fomghieri

DIRETOR ADMINISTRATIVO
Guilherme Fomghieri

EDITOR OUTRA PAUTA
Prof. Dr. Silvío Demétrio

REVISÃO
Prof. Dr. Silvío Demétrio

PROJETO GRÁFICO
E ILUSTRAÇÕES
Douglas Menegazzi

CHARGES/ CONTRIBUIÇÃO:
Leandro de Oliveira
Stanis David Lacowicz

EQUIPE
Ana Paula Detsch
Bruna Hissae
Evandro Paulo
Juliana Tokarski
Leandro C. Navarro
Mariana Lioto
Mirielly Ferreira
Roberson Lima
Rony Santos

CONTATO
Rua Fortunato Bèbber, 868
Jardim Pacaembu
Cascavel - Paraná - Brasil
CEP 85808-360
FABX: +55 45 3218-2500

outrapauta.wordpress.com
outrapauta@gazetadoparana.com.br

Patch Work

"As letras e a ciência só tomarão o seu verdadeiro lugar na obra do desenvolvimento humano no dia em que, livres de toda a servidão mercenária, forem exclusivamente cultivadas pelos que as amam e para os que as amam".
PIOTR KROPOTKIN

"- Como é que um homem afirma seu poder sobre outro, Winston?
Winston refletiu:
- Fazendo-o sofrer.
- Exatamente. Fazendo-o sofrer. A obediência não basta. A menos que sofra, como podes ter certeza de que obedece tua vontade e não a dele? O poder reside em infligir dor e humilhação. O poder está em se despedaçar cérebros humanos e tornar a juntá-los da forma que se entender. Começas a distinguir que tipo de mundo estamos criando? É exatamente o contrário das estúpidas utopias hedonísticas que os antigos reformadores imaginavam. Um mundo de medo, traição e tormento, um mundo de pisar ou ser pisado, um mundo que se tornará cada vez mais impiedoso, à medida que se refina. O progresso em nosso mundo será o progresso no sentido da maior dor".

DIÁLOGO RE-PRODUZIDO DE UM TRECHO DE "1984", DE GEORGE ORWELL.

"Sou um amante fanático da liberdade, considerando-a como o único espaço onde podem crescer e desenvolver-se a inteligência, a dignidade e a felicidade dos homens; não esta liberdade formal, outorgada e regulamentada pelo Estado, mentira eterna que, em realidade, representa apenas o privilégio de alguns, apoiada na escravidão de todos; não esta liberdade individualista, egoísta, mesquinha e fictícia, enaltecida pela escola de J. J. Rousseau e por todas as outras escolas do liberalismo burguês, que considera o assim chamado direito de todo mundo, representado pelo Estado, como o limite do direito de cada um, o que conduz, sempre e necessariamente, o direito de cada um a zero. Não, só aceito uma única liberdade que possa ser realmente digna deste nome, a liberdade que consiste no pleno desenvolvimento de todas as potencialidades materiais, intelectuais e morais que se encontrem em estado latente em cada um; a liberdade que não reconheça outras restrições que aquelas que nos são traçadas pelas leis de nossa própria natureza; de maneira que não há, propriamente, restrições, pois estas leis não nos são impostas por nenhum legislador de fora, situando-se ao lado ou acima de nós; elas nos são imanentes, inerentes e constituem a base de nosso ser, tanto material quanto intelectual e moral. Em vez de achar nelas um limite, devemos considerá-las como as condições reais e como a razão efetiva da nossa liberdade".

DA ÉPICA JORNALÍSTICA A VOLTA DA RECEITA DE BOLO

Mariana Lioto/ Oficina Turma 1 (Jornalismo - UNIPAR)

Que Jornalismo tem em comum com trigo, farinha, ovos, óleo e fermento? Hoje em dia, felizmente nada. Há quarenta anos não era incomum ver receitas de bolo que, apesar de deliciosos, ocupavam espaço da preciosa informação jornalística em diversos veículos de comunicação. Alternando com a culinária, até trechos de "Os lusíadas" foram publicados. Toda vez que uma informação, direta ou indiretamente, ia contra os interesses do governo ditatorial era substituído pelas

... armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;
Camões que me perdoe, mas o

leitor devia sentir elevadas doses de agonia ao ver o quinhentista poeta português ali, reproduzindo silêncio no jornal. O que teria sido calado para que ele precisasse estar presente? Por aqui se mantinham as armas, e a força humana era impedida de edificar: censura.

Quarenta anos e muitas páginas depois, a receita volta a ocupar o lugar de destaque, não por imposição, mas como um eco paródico, uma forma de protestar pelo que poderia ter sido informação e não foi:

Dando o bolo na censura

- 1 quilo de informação
- 4 xícaras de ética aquecida
- 2 colheres de pó de estilo
- 2 colheres de extrato de responsabilidade
- Liberdade a gosto

MODO DE PREPARO:

Pegue a informação, a quantidade pode ser modificada de acordo com o interesse do freguês, o que importa é que a informação seja de qualidade e relevância. Em seguida adicione as xícaras de ética aquecida. É importante que a ética não esteja morna nem fria, e que se misture uniformemente com a informação, cada porção de informação precisa estar homogeneamente misturada com ética. Alguns afirmam ser possível substituir a ética pela impar-

cialidade, mas este é um ingrediente que não se encontra facilmente em sua essência. Quando tiver certeza que a informação já está bem misturada com a ética é hora de adicionar o pó de estilo. O estilo é indispensável nessa receita, é ele que dá um gosto especial ao bolo, e o cuidado ao adicionar esse ingrediente é que fará com que cada receita fique única, com um toque de arte. Ausência de estilo faz que com o bolo não cresça, fique pesado e sem gosto, ninguém agüenta bolo sem estilo por muito tempo.

Em seguida, polvilhe a mistura com o extrato de responsabilidade, também indispensável a essa receita. Para terminar, e superar o silêncio de outrora, use da sua liberdade a gosto, só é preciso ter cuidado para que ela não se sobreponha a nenhum dos outros ingredientes.

Pronto. Depois de um tempinho no forno o bolo que dá o bolo na censura está pronto para ser servido, repartido e ser sustância da força. É normal que o bolo não agrade a todos. A repressão só não pode tirar o gosto da informação nossa de cada dia. ☺

MIKHAIL BAKUNIN

"Eu não faço nada por obrigação: o que os outros fazem por obrigação eu faço por impulso de vida".
WALT WITHMAN

"Pensou, com uma espécie de assombro, na inutilidade biológica da dor e do medo, na traição do corpo humano que sempre se congela na inércia, no momento exato em que dele se exige esforço especial. Poderia ter silenciado a moça morena se conseguisse agir com rapidez, mas precisamente por causa do perigo extremo que corria perder a capacidade de agir. Ocorreu-lhe que, em momentos de crise, nunca se luta com um inimigo externo, mas com o próprio organismo".

TRECHO DE "1984", DE GEORGE ORWELL.

ACESSO NEGADO

A PEDRA QUE CANTA

Mirielly Ferreira (Jornalismo - UNIPAR)

"Canta o teu encanto, que é pra me encantar"

- Estamos em uma área protegida pela segurança nacional, fiquem dentro das linhas amarelas, por favor! - Anuncia o guia turístico.

A censura foi bastante difundida em todo o período que compreende a ditadura militar no Brasil. (e por sinal, os censores desempenharam muito bem os seus papéis, deixando escapar apenas uma outra atividade iconoclasta). Tão difundida que muitos ainda temem e sentem aversão à palavra. Apesar de estar em um passeio turístico, o tema desta edição não saiu da minha cabeça. E foi em meio a tantas ressalvas feitas pelo guia, que percebi estar sendo advertida: Não ande aí; Venham para cá pessoal; Por gentileza, subam; Não ultrapassem a linha de segurança... É, de certa forma, um modo de censurar, impedindo movimentos. Isso me faz lembrar o inciso IV do AI-5, a) liberdade vigiada e b) proibição de frequentar determinados lugares. Mas, é claro, isso não se trata de um regime totalitarista, afinal, a binacional tem seus motivos.

Antes de iniciarmos a excursão, nossas bolsas são trancadas em armários, e quem está de calçado aberto, recebe uma bota. Depois, em fila indiana, nos preparamos para passar

pelo detector de metais. Também em nome da segurança, recebemos lindos capacetes laranjas. É indispensável o seu uso dentro da usina, reforça o guia. Um ritual de segurança.

Enquanto o micro-ônibus acelera em direção a barragem, o guia inicia seu discurso mais do que decorado.

- Em 1960 iniciam estudos para verificar se o Rio Paraná poderia comportar uma usina.

- Em 1973 começam as buscas por um local apropriado para a construção da hidrelétrica. O local escolhido é o trecho chamado de Itaipu, que, em Tupi, significa *A pedra que canta*.

- Pessoal, nós vamos parar o ônibus aqui, vocês podem tirar fotos de dentro do veículo, já que não temos autorização para descer neste local.

- 1974 iniciam-se as obras. E logo o local começa a se transformar num "formigueiro humano". Entre 1978 a 1981, 5 mil pessoas eram contratadas por mês.

- A maior dificuldade foi alterar o curso do Rio Paraná, sendo construído um desvio de dois quilômetros.

- Em 78, 58 toneladas de dinamite explodem as duas ensecadeiras (barragens feitas para desviar o curso do rio).

- Atenção: Estamos em cima da barragem, vocês podem descer, mas não podem, de maneira alguma, ultrapassar as linhas amarelas. Não estamos autorizados a transpor essas demarcações, então, por gentileza, se posicionem apenas dentro do espaço demarcado.

- Pronto, vamos entrando pessoal.

- Agora

vamos entrar dentro da usina, por favor, o uso do capacete agora é obrigatório.

- Aqui, como vocês podem ver, a barragem tem um modelo um tanto diferente: sua estrutura lembra uma catedral. Esse foi um recurso utilizado para economizar concreto, é a chamada gravidade aliviada.

- Uma curiosidade: por dia eram lançados na obra 7.207 metros cúbicos de concreto, o equivalente a um prédio de 10 andares por hora. E para retardar o processo de secagem do concreto, foi necessário misturar a massa com gelo, para que as camadas pudessem colar uma na outra sem possíveis espaços.

- E finalmente, em 1982, a construção chega ao fim.

- Nós vamos conhecer o painel de comando, queiram se dirigir ao elevador, por favor.

Tinha algo estranho naquele elevador: duas portas. Quando chegamos no andar indicado, uma espécie de senha foi digitada pelo guia, e a porta de trás abriu, para espanto de muitos. Estamos entrando em uma área restrita. Pareceu um filme de espionagem policial.

- A Usina Binacional Itaipu sustenta 26% de toda a demanda elétrica do país.

- Já em 2004 a usina estava gerando energia capaz de abastecer o mundo por 36 dias.

- Encerramos por aqui nosso passeio. Alguém tem alguma pergunta?

- Eu tenho. Se de repente, a barragem explodir, até onde vai a água em termos de distância?

- Bom, ela chegaria até Buenos Aires. Agora entendemos o porque de todo esse cuidado. A estranha beleza desse imenso local onde homem e natureza interagem, pode ser alvo da própria insensatez humana. A mão que constrói pode destruir. Diante disso, o nome mais adequado não seria cuidado, mas prevenção. ☺

